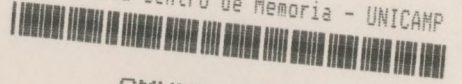


Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030212

Imprensa da velha guarda

Diário do Povo 2-8-79 Mário L. Erbolato

Fora do mercado, em edição própria, Paulo Pompeu publicou "A Flor Amarela", que "enfeixa crônicas (memórias, contos, realidade e imaginação)", selecionadas entre as que escreveu para a "Folha de S. Paulo" e "Folha da Tarde", em 1957 e 1958.

O Autor é jornalista da velha guarda, com notável experiência em reportagens e redação de artigos de fundo. Ele vem do tempo em que havia a luta pela notícia, a preocupação do furo e a obediência às ordens da administração, para que se fizesse o máximo de economia.

Controlava-se até o gasto de goma arábica e as laudas de papel (que eram simples aparas, mal cortadas).

Contemporâneo que fui de Paulo Pompeu — ele no *Correio Popular* e eu no *Diário do Povo* — ao ler suas crônicas senti um retorno até vinte anos, ou mais, revivendo situações da imprensa daquela época. Em suas colaborações há depoimentos da fase em que os jornais, ainda feitos pelos veteranos pés-de-boi, começavam a receber os estudantes dos Cursos de Comunicação.

Qual o melhor adjetivo para um incêndio violento ou devastador? Visitantes, que visitavam os diretores dos matutinos, mereciam obrigatoriamente a sua foto, com o texto-legenda classificando-os de ilustres. Redatores sem diplomas, chamados de auto-suficientes, tinham que suprimir do noticiário procedente do interior os elogios tão comuns, tais como: operoso Prefeito, robusto pimpolho ou gentil noiva. O corte poderia provocar uma vingança dos correspondentes que, na primeira oportunidade, se surgisse um fato de importância em suas cidades, deixavam de transmiti-lo, desculpando-se, depois, de que estavam doentes ou haviam viajado naquele dia...

Sem os atuais espelhos de paginação, o cálculo do espaço ficava a cargo do chefe de

oficina, que vivia em eternas brigas com o secretário de redação. Se as linotipos ameaçavam parar, por falta de originais, lá ia ele à procura de matérias e reclamando sempre. Por que estava atrasada a "Vida Religiosa"? A seção de Polícia era grande naquela noite? A que horas chegaria o resultado da luta de boxe?

O jornalista devia ser eclético. Começava pela revisão e cumpria-se respeitar o gosto dos leitores, até tanto quanto fosse possível. Já começavam a ser abandonadas algumas rotinas, pondo-se de lado títulos imutáveis, como "A Sessão de ontem no Senado" ou "Reuniu-se a Câmara dos Deputados". Proscovia-se também o uso de "valentes soldados do fogo" para designar os bombeiros. E existia, ainda, a tendência de se redigir — quando um alto funcionário público era aposentado — que "deixara uma lacuna difícil de ser preenchida". Os leitores, em suas cartas, depois de fazerem reclamações, insistiam no fecho fatal: "Urge que as autoridades competentes ponham a esse estado de coisas".

Muito mudou de 1957-1958 para cá. Mas Paulo Pompeu soube prever essas alterações, ao escrever: "a rapaziada nova (alunos de jornalismo) guarda reservas de sensibilidade e será capaz de captar ângulos insuspeitados na mesmice do cotidiano e será mais receptiva e permeável aos reclamos de modernização e racionalização do trabalho jornalístico. O que ele previu, está acontecendo.

"A Flor Amarela" trata, ainda, de assuntos variados, ocorridos em S. Paulo e lembra que, há décadas, a frase "eu sou da imprensa!" era a chave que dava ingresso a festas particulares, com o direito de emborcar taças de champagne francesa de trinta mil reis a garrafa.

A coletânea de Paulo Pompeu, um mestre da arte de escrever, é, de muitas formas, uma contribuição destinada à memória do jornalista paulista.